

QUEM FALA PELO ESTUDANTE COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO UMA ANÁLISE CRÍTICA DO SEU PAPEL EPISTÊMICO NA PESQUISA CIENTÍFICA BRASILEIRA

**WHO SPEAKS FOR THE STUDENT WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS? A
CRITICAL ANALYSIS OF THEIR EPISTEMIC ROLE IN BRAZILIAN SCIENTIFIC
RESEARCH**

Ciências Humanas • 14/07/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/784010332](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/784010332)

Jaqueline dos Santos¹

Kariston Pereira²

RESUMO

Este artigo analisa criticamente o papel epistêmico atribuído ao estudante com altas habilidades/superdotação (AH/SD) na produção científica brasileira. Fundamentado no princípio “nada sobre nós sem nós” e na sociologia da participação infantil e juvenil em pesquisa, o estudo problematiza se esse estudante figura como protagonista ou como mero objeto de investigação. Realizou-se uma revisão crítica da literatura, de caráter exploratório-descritivo, abrangendo 13 artigos científicos publicados em periódicos brasileiros revisados por pares entre 2010 e 2026. A partir de um instrumento de classificação categorial construído a priori, os estudos foram avaliados quanto ao papel atribuído ao estudante: objeto, fonte de dados instrumental ou participante ativo na construção do conhecimento. Os resultados revelam acentuada assimetria: 76,9% dos artigos (n=10) tratam o estudante exclusivamente como objeto, 23,1% (n=3) como fonte de dados instrumental, e nenhum estudo (0%) o reconhece como participante ativo. Conclui-se que a pesquisa brasileira em Educação Especial sobre AH/SD ainda reproduz um padrão de silenciamento epistêmico, no qual a voz do estudante, quando presente, permanece restrita a respostas categorizadas, sem influência real sobre o desenho metodológico. Recomenda-se a adoção de metodologias participativas em investigações futuras, capazes de garantir não apenas a voz, mas a efetiva influência do estudante na construção do conhecimento sobre sua própria condição.

Palavras-chave: Altas Habilidades/Superdotação; Educação Especial; Epistemologia; Agência Epistêmica; Protagonismo Estudantil.

ABSTRACT

This article critically analyzes the epistemic role attributed to students with high abilities/giftedness (HA/G) in Brazilian scientific

production. Grounded in the principle “nothing about us without us” and in the sociology of children's and adolescents' participation in research, the study questions whether these students figure as protagonists or merely as objects of investigation. An exploratory-descriptive critical literature review was conducted, covering 13 scientific articles published in Brazilian peer-reviewed journals between 2010 and 2026. Based on an a priori categorical classification instrument, the studies were assessed regarding the role attributed to the student: object, instrumental data source, or active participant in knowledge construction. Results reveal a marked asymmetry: 76.9% of the articles (n=10) treat the student exclusively as an object, 23.1% (n=3) as an instrumental data source, and no study (0%) recognizes the student as an active participant. It is concluded that Brazilian special education research on HA/G still reproduces a pattern of epistemic silencing, in which the student's voice, when present, remains restricted to categorizable responses, without real influence over the methodological design. Future research is recommended to adopt participatory methodologies capable of ensuring not only voice, but the student's effective influence on the construction of knowledge about their own condition.

Keywords: High Abilities/Giftedness; Special Education; Epistemology; Epistemic Agency; Student Protagonism.

1. INTRODUÇÃO

A expressão “nada sobre nós sem nós”, consolidada pelo movimento internacional pelos direitos das pessoas com deficiência, sintetiza um princípio ético-político simples: nenhum conhecimento ou política voltada a um grupo deveria ser produzido sem a participação direta desse grupo (Charlton, 1998). Silva (2026), em

estudo sobre ética e disputa epistemológica na Educação Especial brasileira, reafirma a urgência de metodologias de pesquisa que reconheçam a pessoa investigada como agente epistêmico, e não apenas como objeto de estudo. Embora amplamente discutido no campo da deficiência, esse princípio permanece pouco explorado em relação a outro público da Educação Especial brasileira, os estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD, termo composto cuja distinção conceitual é esclarecida na seção de Referencial Teórico), cuja condição é socialmente lida como vantagem, e não como motivo de reivindicação de voz e protagonismo.

Esse silêncio teórico produz um paradoxo: a pesquisa científica brasileira sobre AH/SD avançou significativamente nas últimas décadas na caracterização cognitiva, socioemocional e educacional desses estudantes, bem como na denúncia de lacunas estruturais como a subnotificação de matrículas e a ausência de formação docente para identificação. No entanto, ao construir esse conhecimento, a pesquisa tende a investigar o estudante por meio de pais, professores, profissionais especializados ou instrumentos psicométricos, raramente concedendo-lhe protagonismo como sujeito capaz de contribuir para a construção do saber sobre sua própria condição.

Diante disso, o problema que orienta este estudo é: a pesquisa científica brasileira sobre AH/SD apresenta, em sua metodologia, espaço para que o próprio estudante participe da construção do conhecimento que o investiga, ou ele permanece majoritariamente na posição de objeto de estudo? A questão de pesquisa que decorre desse problema é: qual é o lugar epistêmico do estudante com

AH/SD na produção científica brasileira (objeto de estudo, fonte de dados, ou participante ativo na construção do conhecimento)?

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente o papel atribuído ao estudante com AH/SD na metodologia dos estudos científicos brasileiros publicados em periódicos revisados por pares, a partir de um instrumento de classificação categorial construído com base no princípio “nada sobre nós sem nós”. A relevância deste estudo justifica-se por três razões principais: primeiro, por aplicar, de forma inédita na literatura brasileira consultada, um princípio consolidado no campo da deficiência ao campo da AH/SD; segundo, por oferecer uma leitura crítica sobre os limites metodológicos de uma tradição de pesquisa já consolidada em Educação Especial; e terceiro, por propor um instrumento de classificação replicável que pode orientar estudos futuros mais atentos ao protagonismo do estudante investigado.

O artigo está estruturado da seguinte forma: a seção seguinte apresenta o referencial teórico sobre o princípio “nada sobre nós sem nós”, a participação infantil e juvenil em pesquisa, e a produção científica brasileira sobre AH/SD; em seguida, descreve-se a metodologia da revisão crítica realizada; na sequência, apresentam-se a análise crítica e a discussão dos resultados; por fim, expõem-se as considerações finais e recomendações para pesquisas futuras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

O princípio “Nada sobre nós sem nós”

A expressão “nada sobre nós sem nós” (nothing about us without us) consolidou-se como princípio ético-político do movimento internacional pelos direitos das pessoas com deficiência,

sistematizado por Charlton (1998) a partir de mobilizações de ativistas sul-africanos e posteriormente difundido em fóruns internacionais de defesa de direitos. O princípio sustenta que nenhuma política, prática ou conhecimento sobre um grupo historicamente marginalizado deveria ser produzido sem a participação direta desse grupo em sua formulação. Aplicado à pesquisa científica, o princípio desafia a tradição de produzir conhecimento sobre sujeitos, e não com eles, deslocando-os da posição de objeto para a de coautores legítimos do saber que os concerne.

Embora o princípio tenha origem e consolidação teórica no campo da deficiência, sua extensão ao campo das altas habilidades/superdotação permanece pouco explorada na literatura brasileira. Estudo recente sobre ética e disputa epistemológica na Educação Especial brasileira reafirma a urgência de superar o paradigma tutelar de pesquisa, no qual se produz conhecimento sobre pessoas com deficiência sem sua participação, em favor de metodologias participativas que reconheçam esses sujeitos como agentes epistêmicos (Silva, 2026). Essa urgência, formulada para o campo da deficiência, ainda não foi sistematicamente estendida ao campo da AH/SD. Entendemos que isso ocorre, possivelmente, porque essa condição é frequentemente lida socialmente como vantagem, e não como condição que demande reivindicação de voz e protagonismo. É justamente esse pressuposto que este estudo busca problematizar: a ausência de protagonismo do estudante com AH/SD na pesquisa científica configura, também, uma forma de silenciamento epistêmico.

Participação infantil e juvenil na pesquisa científica

Antes de avançar, cabe explicitar o conceito central que organiza a análise deste estudo: agência epistêmica. Odden et al. (2024), em discussão teórica sobre o construto no campo da Educação em Ciências, descrevem-no como a capacidade de um sujeito de participar ativamente dos processos de construção, avaliação e revisão do conhecimento, compartilhando responsabilidades epistêmicas com outros atores no processo investigativo. Aplicado à pesquisa científica sobre AH/SD, o conceito permite distinguir entre estudantes que meramente respondem a instrumentos padronizados — papel epistêmico passivo — e estudantes que co-formulam perguntas, validam instrumentos e interpretam resultados — papel epistêmico ativo. Essa distinção estrutura o instrumento de classificação tripartite proposto neste estudo. A sociologia da infância contribui para este debate ao defender que crianças e adolescentes devem ser compreendidos como atores sociais competentes para participar da produção de conhecimento sobre suas próprias vidas, e não apenas como objetos de observação adulta (Sarmiento; Fernandes; Tomás, 2007). No cenário internacional, frameworks consolidados como os de Lundy (2007) e Spyrou (2018) expandem o conceito de voz da criança e do adolescente para além do mero ato discursivo, dividindo a agência participativa em quatro dimensões indissociáveis: Espaço, Voz, Público e Influência. Lundy (2007) assevera que ouvir os sujeitos investigados exige o provimento de um ambiente seguro (Espaço) e canais expressivos adequados (Voz), mas requer, fundamentalmente, que os dados gerados encontrem escuta ativa (Público) e capacidade real de transformação metodológica (Influência); essa distinção se mostrará produtiva na análise crítica deste estudo. Essa perspectiva tensiona modelos de pesquisa tradicionais em Educação Especial, nos quais a voz do estudante costuma ser mediada, ou mesmo substituída, pela voz de pais,

professores e especialistas, sob a justificativa, frequentemente implícita, de que a idade ou a condição do sujeito limitaria sua capacidade de contribuir metodologicamente para a pesquisa que o investiga.

Os quatro eixos da participação (Lundy, 2007)



Figura 1. Os quatro eixos da participação segundo Lundy (2007). Fonte: elaboração da autora (2026), com base em Lundy (2007).

A pesquisa participativa com crianças e adolescentes propõe alternativas metodológicas que incluem o sujeito pesquisado na formulação de perguntas, na escolha de instrumentos e na interpretação de resultados, sem que isso comprometa o rigor científico do estudo. Tais alternativas raramente aparecem na

literatura brasileira sobre AH/SD, conforme evidenciado pela análise crítica realizada neste estudo.

A produção científica brasileira sobre altas habilidades/superdotação

No Brasil, a pesquisa sobre AH/SD consolidou-se nas últimas décadas com contribuições relevantes de Alencar e Fleith (2001), cuja obra de referência discute determinantes, educação e ajustamento de estudantes superdotados, concentrando-se na caracterização cognitiva, socioemocional e educacional desse público. Pérez e Freitas (2011) descrevem o cenário brasileiro de encaminhamentos pedagógicos a esses estudantes na Educação Básica, evidenciando que a maior parte das ações educacionais permanece centrada na identificação e no atendimento especializado, com pouco espaço institucional para a escuta direta do próprio estudante sobre suas necessidades. Rangni e Costa (2011) discutem, por sua vez, a multiplicidade terminológica e conceitual que historicamente dificulta a consolidação de uma definição única para a área no Brasil, fator que também contribui para a heterogeneidade metodológica observada nos estudos analisados nesta revisão. Estudos recentes sobre subnotificação de matrículas (Brero; Rondini, 2022) e sobre a evolução das identificações na última década (Toledo et al., 2025) evidenciam que parte significativa da produção nacional se concentra em diagnosticar lacunas estruturais do sistema educacional, como o número de crianças não identificadas e o número de municípios que não oferecem atendimento, sem necessariamente questionar o lugar do próprio estudante na construção desse diagnóstico.

Cabe esclarecer que “altas habilidades” e “superdotação” não são termos estritamente sinônimos. Historicamente, “superdotação” tende a se referir a um potencial cognitivo geral elevado, próximo ao conceito de *giftedness* na literatura internacional, enquanto “altas habilidades” abrange um espectro mais amplo de domínios, incluindo desempenho destacado em áreas específicas como artística, psicomotora ou de liderança, e não apenas intelectual (Rangni; Costa, 2011). Em razão dessa multiplicidade terminológica, a Portaria Ministerial nº 555, de 2007, oficializou o termo composto “altas habilidades/superdotação” (AH/SD) nos documentos legais brasileiros e na literatura da área, justamente para abranger ambas as dimensões do fenômeno. Por essa razão, e por ser também a convenção adotada pela maioria dos artigos do corpus analisado, este estudo utiliza a sigla AH/SD ao longo de todo o texto, sem pretender equiparar de forma absoluta os dois termos em seus sentidos teóricos originais.

Essa tradição de pesquisa, embora relevante para a defesa de políticas públicas de identificação e atendimento, tende a reproduzir uma lógica de produção de conhecimento sobre o estudante, raramente com ele, o que situa o problema investigado neste artigo dentro de uma lacuna teórico-metodológica ainda não sistematicamente nomeada na literatura brasileira de Educação Especial. Essa lacuna encontra confirmação empírica indireta no levantamento bibliométrico de Pedro et al. (2016), que mapeou 53 artigos sobre AH/SD indexados no SciELO entre 2002 e 2015 e os organizou em dezesseis categorias temáticas (características, identificação, formação docente, esportes, família, avaliação, entre outras): nenhuma dessas categorias contempla especificamente o papel do estudante na construção da pesquisa que o investiga, o que sugere que essa dimensão permanece invisível não apenas nos

estudos individuais, mas também nos próprios esforços de mapeamento e organização do campo.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão crítica da literatura científica brasileira sobre altas habilidades/superdotação (AH/SD), de caráter exploratório-descritivo, com foco na análise do papel epistêmico atribuído ao estudante nos estudos empíricos e teóricos publicados em periódicos nacionais revisados por pares. A pesquisa é de natureza documental e qualitativa, com tratamento quantitativo-descritivo complementar para a apresentação dos resultados da classificação.

Optou-se deliberadamente por não realizar uma revisão sistemática completa nos moldes PRISMA, dado que o objetivo do estudo não é mapear exaustivamente toda a produção sobre AH/SD, mas sim analisar criticamente, em profundidade, o papel epistêmico do estudante em um corpus consistente e representativo. Conforme discutido por Soares (2025), a revisão sistemática constitui o modelo mais formalizado e rigoroso, exigindo protocolos obrigatórios e amostras de estudos primários de alta qualidade, mas é também a modalidade menos adequada para temas amplos ou exploratórios; a revisão narrativa/crítica, por sua vez, mantém validade científica quando o pesquisador explicita as etapas de busca, justifica as escolhas de fontes e adota postura analítica e crítica diante do material revisado, condições que este estudo procurou seguir do início ao fim. Optou-se também por não adotar o desenho de revisão de escopo (*scoping review*), nos termos do *framework* de Arksey e O'Malley (2005) e da extensão PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018), uma vez que esse desenho pressupõe etapas não realizadas neste estudo, como o exercício de consulta a especialistas (*consultation exercise*) e

o mapeamento exaustivo, e não categorial, da literatura. Essa escolha metodológica é compatível com revisões críticas de natureza categorial, nas quais a qualidade da análise de cada unidade do corpus é priorizada em relação à exaustividade da busca (Kitchenham; Charters, 2007).

Questões de Pesquisa

As questões de pesquisa orientam todas as etapas da revisão crítica (Kitchenham; Charters, 2007). Neste trabalho, foram formuladas três questões exploratório-descritivas:

QP1: Qual é a proporção de estudos brasileiros sobre AH/SD que tratam o estudante como objeto de pesquisa, fonte de dados ou participante ativo na construção do conhecimento?

QP2: Quais procedimentos metodológicos predominam nos estudos que efetivamente ouvem o estudante (entrevistas, testes padronizados, questionários)?

QP3: Em que medida a produção científica brasileira sobre AH/SD incorpora, mesmo que implicitamente, o princípio “nada sobre nós sem nós”?

Corpus e Fontes de Dados

O corpus é composto por 13 artigos científicos publicados em periódicos brasileiros, revisados por pares, identificados por meio de busca formal e busca complementar. A escolha pela base SciELO como fonte primária se justifica por ser a principal biblioteca eletrônica de acesso aberto para periódicos científicos brasileiros na área de Educação Especial, garantindo tanto a representatividade

temática quanto o critério de revisão por pares em todos os documentos analisados. Bases internacionais (Scopus, Web of Science) e a Plataforma Periódicos CAPES não foram incluídas na busca formal, opção justificada pelo caráter exploratório-descritivo do estudo, que não pretende exaustividade de cobertura, mas sim profundidade analítica sobre um corpus consistente.

Foram considerados elegíveis artigos publicados entre 2010 e 2026, recorte que acompanha o período de consolidação, no Brasil, das políticas públicas de identificação e atendimento a estudantes com AH/SD após a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Protocolo de Busca e Seleção

O núcleo de busca formal foi realizado na base SciELO (search.scielo.org), em junho de 2026, utilizando a *string* de busca ("altas habilidades" OR "superdotação" OR "AH/SD") AND (estudante OR aluno OR criança OR adolescente), com os filtros: coleção Brasil, idioma português, tipo de documento “artigo” e período 2010–2026. Essa busca formal retornou 10 registros brutos.

A busca complementar foi realizada no Google Acadêmico, em junho de 2026, com as variações terminológicas “altas habilidades superdotação identificação”, “altas habilidades superdotação percepção do aluno” e “altas habilidades superdotação dupla excepcionalidade”, restrita a artigos publicados em periódicos brasileiros com revisão por pares e indexados em bases acadêmicas reconhecidas, excluindo periódicos sem revisão editorial identificável. Complementarmente, foi realizada checagem cruzada das listas de referências dos artigos do núcleo formal, por meio da

técnica de *snowballing* (Pinheiro; Comis; Rodrigues, 2024), que consiste em identificar estudos adicionais relevantes a partir das redes de citação de um conjunto inicial de artigos. Essa etapa resultou em 4 artigos adicionais que atendiam aos critérios de inclusão, totalizando 14 registros identificados. Após a leitura integral, identificou-se que um dos registros do núcleo formal e um dos registros da busca complementar correspondiam ao mesmo artigo (Nakano et al., 2025), resultando em um corpus final de 13 artigos.

Após a triagem por título e resumo, os 14 registros identificados foram mantidos para leitura na íntegra; após a identificação da duplicidade mencionada, os 13 artigos remanescentes atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos, compondo o corpus final de análise.



Figura 2. Fluxograma de seleção e composição do corpus. Fonte: elaboração da autora (2026).

Critérios de Inclusão e Exclusão

Quadro 1. Critérios de inclusão e exclusão

Critério	Descrição
Inclusão	Artigo científico publicado em periódico brasileiro com revisão por pares, entre 2010 e 2026; foco em estudantes com AH/SD na Educação Básica ou Superior; natureza empírica ou revisão de literatura com critérios metodológicos explícitos.
Exclusão	Literatura cinzenta (blogs, páginas institucionais, conteúdo de divulgação sem revisão por pares); resumos de eventos científicos sem texto completo disponível; documentos duplicados entre as estratégias de busca; artigos fora do recorte temporal definido.

Fonte: elaboração da autora (2026).

Instrumento de Classificação

Cada artigo do corpus foi submetido a uma Análise de Conteúdo Categorical (Bardin, 2016), a partir da leitura integral da seção de método de cada estudo, sendo classificado em uma de três categorias mutuamente exclusivas, definidas a priori:

Quadro 2. Instrumento de classificação do papel epistêmico do estudante

Categoria	Definição operacional
Objeto	O estudante é mencionado exclusivamente por meio de dados de terceiros (pais, professores, profissionais) ou de estatísticas oficiais, sem qualquer interação direta entre a pesquisa e o sujeito investigado.
Fonte de dados	O estudante responde a instrumentos de pesquisa (testes padronizados, escalas, entrevistas), mas não participa do

	desenho metodológico, da formulação das questões ou da validação dos instrumentos utilizados.
Participante ativo	O estudante colabora na formulação das perguntas de pesquisa, na validação de instrumentos, na interpretação dos resultados, ou figura como coautor do estudo.

Fonte: elaboração da autora (2026), com base no princípio “nada sobre nós sem nós” (Charlton, 1998).

A classificação foi realizada pela própria autora deste estudo, condição que constitui limitação metodológica explicitamente declarada na seção seguinte, dada a ausência de cálculo de concordância entre avaliadores independentes.

Limitações do Estudo

Constituem limitações deste estudo: (a) a busca formal restringiu-se à base SciELO, não tendo sido consultadas as bases Scopus, Web of Science ou Periódicos CAPES, opção justificada pelo caráter exploratório-descritivo da revisão, e não exaustivo; (b) a busca complementar, embora amplie a cobertura do corpus por meio de *snowballing* e busca no Google Acadêmico, não segue um protocolo de busca tão estritamente reprodutível quanto o núcleo formal; (c) a *string* de busca utilizada combinou os termos “altas habilidades”, “superdotação” e “AH/SD”, mas não incluiu descritores adicionais como “talento”, “dotação” e “precocidade”, frequentemente utilizados na área (Pedro et al., 2016), o que pode ter restringido a cobertura de estudos que adotam exclusivamente essas nomenclaturas alternativas; (d) a classificação dos artigos foi realizada pela autora, sem segundo avaliador independente externo; como grau parcial de validação, os resultados foram submetidos à revisão da orientadora e discutidos no grupo de pesquisa, o que não

elimina mas atenua o risco de viés de interpretação categorial. Tais limitações não comprometem a validade interna da análise categorial proposta, mas devem ser consideradas na generalização dos resultados.

Os resultados da classificação, apresentados de forma descritivo-quantitativa e qualitativa, são expostos e discutidos na seção de Análise Crítica a seguir.

Análise Crítica

A classificação dos 13 artigos do corpus, segundo o instrumento apresentado no Quadro 2, revelou um padrão assimétrico no papel epistêmico atribuído ao estudante com AH/SD na produção científica brasileira: 10 artigos (76,9%) classificam o estudante como Objeto, 3 artigos (23,1%) como Fonte de dados, e nenhum artigo (0%) o trata como Participante ativo na construção do conhecimento sobre a própria condição.

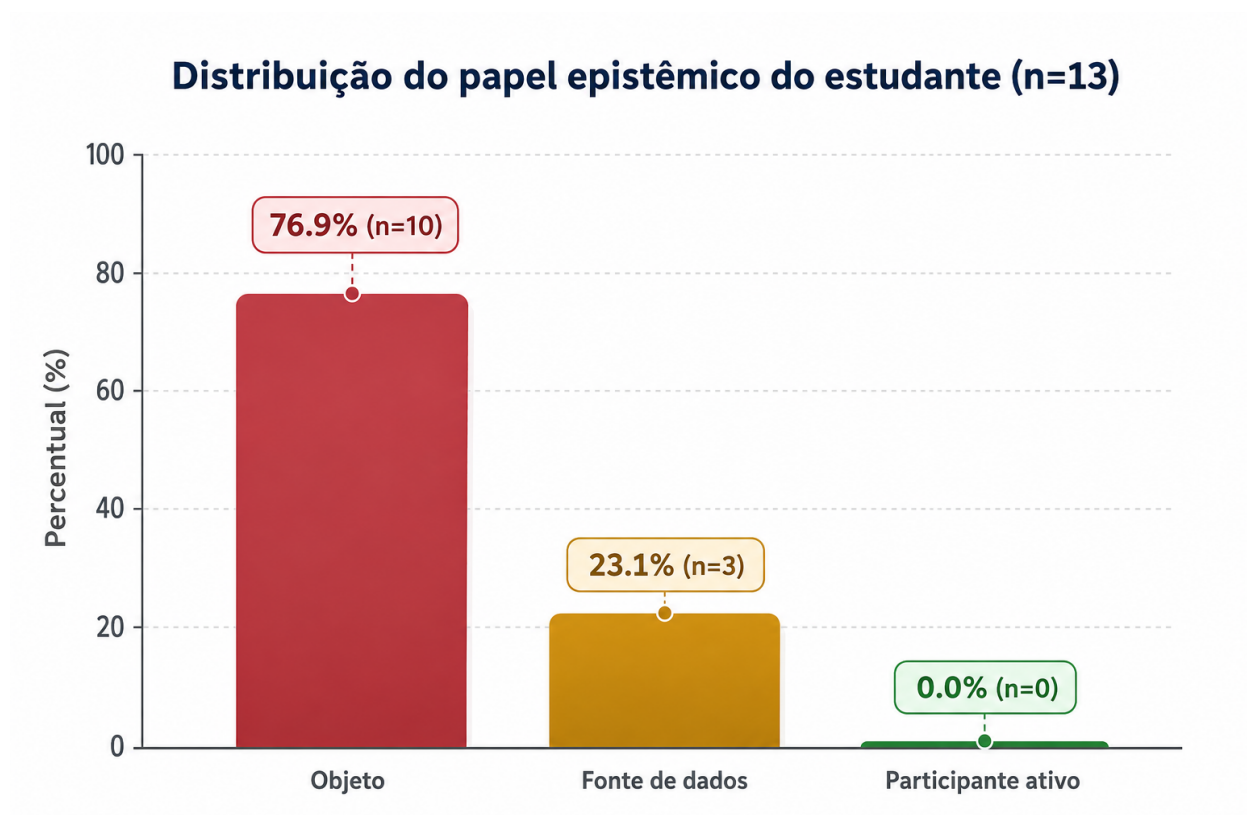


Figura 3. Distribuição do papel epistêmico do estudante nos 13 artigos do corpus. Fonte: elaboração da autora (2026).

Quadro 3. Classificação do papel epistêmico do estudante por artigo do corpus

Referência	Categoria	Justificativa metodológica
Martins et al. (2016)	Objeto	Revisão de literatura (teses e dissertações); estudantes são apenas números e temáticas de estudos prévios.
Oliveira (2025)	Objeto	Estudo documental com microdados do Censo Escolar e da Sinopse Estatística do INEP.
Oliveira et al. (2020)	Objeto	Revisão sistemática na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).
Mendonça et al. (2020)	Fonte de dados	Estudantes responderam a roteiro de entrevista com 15 questões sobre si mesmos, além de entrevistas com pais e professores.

Cunha; Rondini (2020)	Objeto	Coleta exclusivamente com 13 mães (questionários e entrevistas); o estudante não é ouvido diretamente.
Bahiense; Rossetti (2014)	Objeto	Método clínico piagetiano aplicado a 20 professores; o estudante é apenas o assunto em discussão.
Nakano et al. (2025)	Objeto	Questionário online respondido por 33 profissionais (psicólogos, pedagogos) sobre suas práticas e percepções.
Martins; Chacon (2023)	Fonte de dados	Estudantes avaliados diretamente por testes acadêmicos (TDE, IAR) e teste psicológico de inteligência (R2).
Basso et al. (2020)	Fonte de dados	Universitários responderam a questionário de rastreio (QIEI) e foram submetidos ao WAIS III.
Martins et al. (2020)	Objeto	Foco na formação docente; entrevista com acadêmicos de Pedagogia, não com estudantes com AH/SD.
Remoli; Capellini (2017)	Objeto	Revisão crítica de 20 artigos empíricos e teóricos (Web of Science e Dialnet).
Martins; Chacon (2016)	Objeto	Estudo de caso ("Vinny") baseado em observação não participante e entrevista com os pais, sem interação formal com a criança como sujeito enunciador.
Virgolim (2021)	Objeto	Ensaio teórico (pesquisa bibliográfica) sobre traços e necessidades da AH/SD.

Fonte: elaboração da autora (2026).

Estudante como Objeto

A categoria Objeto reuniu a maioria dos estudos do corpus (10 de 13), agrupando quatro subpadrões distintos. O primeiro é o da meta-análise documental, em que o estudante é tema de segunda ordem: pesquisas que analisam teses, dissertações ou dados de matrícula sem qualquer contato direto com sujeitos (Martins et al., 2016; Oliveira, 2025; Oliveira et al., 2020). O segundo subpadrão é o da mediação por terceiros, no qual o estudante é construído inteiramente pela fala de pais, professores ou profissionais especializados, como nas pesquisas baseadas em relato materno (Cunha; Rondini, 2020), em percepções docentes (Bahense; Rossetti, 2014) e em relato de profissionais (Nakano et al., 2025). O terceiro subpadrão é o do estudo de caso narrado pelo adulto: a pesquisa sobre o aluno precoce “Vinny” baseou-se em observação não participante e entrevista com os pais, sem qualquer interação formal com a criança como sujeito enunciador (Martins; Chacon, 2016). O quarto subpadrão reúne estudos sobre formação docente (Martins et al., 2020) e ensaios teóricos (Virgolim, 2021; Remoli; Capellini, 2017), nos quais o estudante com AH/SD é mencionado apenas como referência conceitual, sem qualquer coleta de dados junto a ele.

Esse conjunto evidencia algo importante: mesmo revisões de literatura metodologicamente rigorosas, ao sintetizarem estudos de terceiros, acabam reproduzindo, em vez de romper, o padrão de apagamento do protagonismo do estudante observado neste corpus.

Estudante como Fonte de dados

A categoria Fonte de dados reuniu três estudos em que o estudante é diretamente consultado, mas de duas formas distintas. Em dois deles, a consulta ocorre exclusivamente por meio de instrumentos

psicométricos padronizados, como testes acadêmicos (TDE — Teste de Desempenho Escolar; IAR — Instrumento para Avaliação do Raciocínio) e teste de inteligência R2 (Bateria de Provas de Raciocínio) (Martins; Chacon, 2023), ou questionário de rastreio (QIEI — Questionário de Identificação de Estudantes com Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação) e bateria WAIS III (Wechsler Adult Intelligence Scale — Terceira Edição) (Basso et al., 2020), sem que o estudante participe da definição do que está sendo medido ou da interpretação dos resultados. No terceiro caso, e o mais próximo de algum protagonismo discursivo, os estudantes responderam a um roteiro de entrevista com 15 questões sobre si mesmos (Mendonça et al., 2020); ainda assim, a pesquisa compara sistematicamente a fala do estudante à de pais e professores, posicionando-o como uma entre três fontes de informação equivalentes, e não como autoridade privilegiada sobre sua própria experiência.

Ausência de Participantes ativos

Nenhum dos 13 artigos analisados atribuiu ao estudante com AH/SD um papel de colaboração na formulação das perguntas de pesquisa, na validação dos instrumentos utilizados ou na interpretação dos resultados. Em nenhum caso o estudante figura como coautor, consultor metodológico ou revisor dos achados que o descrevem. Esse resultado responde diretamente à QP1 e oferece uma primeira resposta, ainda que preliminar, à QP3: o princípio “nada sobre nós sem nós” não se manifesta, mesmo implicitamente, na produção científica brasileira sobre AH/SD consultada neste estudo.

Em relação à QP2, observa-se que os procedimentos que mais se aproximam de “ouvir” o estudante são, paradoxalmente, os mais instrumentais e menos dialógicos: testes psicométricos e escalas

padronizadas, que reduzem a participação do sujeito a respostas categorizáveis, em vez de entrevistas abertas ou processos de cocriação metodológica.

Os achados desta seção são interpretados à luz do referencial teórico sobre o princípio “nada sobre nós sem nós” e da sociologia da participação infantil/juvenil em pesquisa na seção de Discussão a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES OU ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados da análise crítica confirmam, no campo das altas habilidades/superdotação, um padrão já denunciado pelo movimento internacional pelos direitos das pessoas com deficiência em relação a outros grupos minorizados: a produção de conhecimento ocorre predominantemente sobre o sujeito, e raramente com ele (Charlton, 1998). A ausência total de estudos na categoria Participante ativo sugere que o princípio “nada sobre nós sem nós”, mesmo não sendo mencionado explicitamente em nenhum dos 13 artigos analisados, expõe por omissão uma lacuna estrutural na forma como a pesquisa brasileira em AH/SD concebe metodologicamente o estudante investigado. Esse achado é particularmente relevante quando contrastado com a tendência observada por Toledo et al. (2025), que documentam crescimento expressivo na identificação de estudantes com AH/SD no Brasil na última década: o avanço quantitativo na identificação não foi acompanhado por um avanço qualitativo equivalente no reconhecimento do estudante como sujeito de pesquisa, sugerindo que a expansão do campo, por si só, não resolve o problema do silenciamento epistêmico.

Esse padrão pode ser parcialmente compreendido à luz da sociologia da infância (Sarmiento; Fernandes; Tomás, 2007), que argumenta que crianças e adolescentes são frequentemente tratados, na pesquisa científica tradicional, como sujeitos cuja idade ou condição limitaria sua capacidade de contribuir metodologicamente para estudos que os investigam. No caso específico da AH/SD, esse apagamento pode ser agravado por um duplo silenciamento: de um lado, a condição etária do estudante, predominante na Educação Básica; de outro, a leitura social da AH/SD como vantagem, o que pode reduzir a percepção, por parte dos próprios pesquisadores, de que esse grupo também demandaria estratégias de protagonismo na pesquisa. Esse segundo aspecto dialoga com o argumento de Silva (2026) de que a superação do paradigma tutelar de pesquisa depende, em primeiro lugar, do reconhecimento de que o grupo investigado é capaz de agência epistêmica, reconhecimento que parece ainda mais frágil quando a condição investigada não é socialmente lida como vulnerabilidade.

O caso do estudo que entrevistou diretamente 11 estudantes sobre sua autopercepção, mas comparou sistematicamente suas respostas às de pais e professores (Mendonça et al., 2020), merece atenção analítica específica. Poder-se-ia argumentar que essa estratégia corresponde a uma triangulação metodológica legítima, na qual múltiplas fontes são consultadas para ampliar a validade dos dados. Reconhecemos essa possibilidade; contudo, entendemos que a triangulação, embora metodologicamente válida, não equivale à agência epistêmica (Odden et al., 2024): posicionar o estudante como uma entre três fontes equivalentes não lhe confere influência sobre o desenho da pesquisa. O que falta, nesse caso, é o que Lundy (2007) denomina Influência — que a voz do estudante altere

decisões metodológicas, e não apenas integre um conjunto de perspectivas igualmente ponderadas. Essa distinção é o que o instrumento de classificação tripartite proposto aqui procura capturar.

Nos casos classificados como Fonte de dados, a interlocução com o estudante assume caráter eminentemente instrumental. Transpondo esse achado para o *framework* de Lundy (2007), compreende-se que as pesquisas analisadas chegam a resguardar o Espaço e a facultar alguma emanção da Voz do estudante, ao aplicar testes, escalas ou roteiros de entrevista, mas falham em garantir os eixos de Público e Influência: os dados gerados pelo estudante raramente encontram escuta interpretativa ativa por parte do próprio pesquisador, e quase nunca se traduzem em capacidade real de o estudante influenciar o desenho, a validação ou a interpretação da pesquisa que o investiga. Essa distinção é relevante porque mostra que a presença da voz do estudante, por si só, não garante seu reconhecimento como agente epistêmico (Spyrou, 2018). É justamente essa diferença, entre ouvir e reconhecer como autoridade, que o instrumento de classificação tripartite proposto neste estudo procura capturar.

A predominância de instrumentos psicométricos padronizados (testes de inteligência, escalas de autoconceito, baterias de criatividade) como principal forma de “ouvir” o estudante reforça uma compreensão da participação do estudante como fonte de dados quantificável, e não como interlocutor capaz de contribuir para a formulação das próprias perguntas de pesquisa. Isso aponta para uma agenda de pesquisa futura: o desenvolvimento de metodologias participativas, como grupos focais conduzidos com e não sobre estudantes com AH/SD, ou processos de validação de

instrumentos com a participação direta dos sujeitos pesquisados, capazes de romper com o padrão identificado neste estudo.

5. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar criticamente o papel atribuído ao estudante com altas habilidades/superdotação (AH/SD) na metodologia dos estudos científicos brasileiros publicados em periódicos revisados por pares. A partir da classificação de 13 artigos em três categorias mutuamente exclusivas, identificou-se que 76,9% (10 artigos) tratam o estudante como objeto de pesquisa, 23,1% (3 artigos) como fonte de dados instrumental, e nenhum artigo (0%) o trata como participante ativo na construção do conhecimento sobre sua própria condição.

Esse resultado responde à questão de pesquisa que orientou o estudo: o estudante com AH/SD ocupa, na produção científica brasileira consultada, predominantemente a posição de objeto, raramente a de fonte de dados, e nunca a de protagonista epistêmico. O achado sustenta a tese de que o princípio “nada sobre nós sem nós”, consolidado no campo da deficiência, ainda não se manifesta, mesmo implicitamente, na pesquisa brasileira sobre AH/SD, lacuna que este estudo nomeia e descreve de forma inédita na literatura consultada.

Como contribuição teórica, este estudo propõe a extensão do princípio “nada sobre nós sem nós” ao campo da AH/SD e oferece um instrumento de classificação replicável (objeto, fonte de dados, participante ativo) que pode ser aplicado por outros pesquisadores em revisões futuras, ampliando o diálogo entre a Educação Especial

e os *Disability Studies*. Como contribuição prática, recomenda-se que estudos futuros sobre AH/SD incorporem estratégias metodológicas participativas, como grupos focais conduzidos com os estudantes, processos de validação de instrumentos com sua participação direta, e a possibilidade de coautoria em pesquisas que os envolvam, sempre que eticamente apropriado à faixa etária e ao contexto da investigação. Essa recomendação acompanha um debate mais amplo já em curso na Educação Especial brasileira sobre a inclusão de pessoas historicamente investigadas, e não consultadas, no próprio espaço de produção do conhecimento científico (Mello; Nuernberg, 2011), debate que este estudo busca estender ao campo da AH/SD.

Essas recomendações ganham concretude quando articuladas aos eixos de Público e Influência propostos por Lundy (2007), que são justamente os dois eixos ausentes nos estudos analisados neste corpus. Garantir Espaço e Voz não basta; é preciso que a escuta do estudante encontre público (pesquisadores dispostos a interpretar ativamente o que ele expressa) e Influência (mecanismos concretos pelos quais essa interpretação altere o curso da pesquisa). Uma estratégia prática e replicável nesse sentido é a criação de conselhos consultivos de jovens (*youth advisory boards*) vinculados a projetos de pesquisa em AH/SD: grupos de estudantes que participem periodicamente da revisão de instrumentos, da interpretação preliminar dos resultados e da formulação de novas perguntas de pesquisa, com poder real de influenciar essas decisões, e não apenas de serem consultados de forma simbólica. Essa estrutura operacionaliza, de forma concreta, a transição do estudante da posição de objeto ou fonte de dados para a de participante ativo, tal como definida no instrumento de classificação proposto neste estudo.

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados: a busca formal restringiu-se à base SciELO e a uma *string* de busca que não incluiu descritores alternativos como “talento”, “dotação” e “precocidade” (Pedro et al., 2016); a busca complementar não seguiu protocolo tão estritamente reprodutível quanto o núcleo formal; e a classificação foi realizada por avaliadora única, sem segundo avaliador independente. Estudos futuros poderiam adotar uma estratégia multi-descritor mais abrangente, incluindo termos como "talento", "dotação" e "precocidade"; ampliar a cobertura a outras bases nacionais, como Periódicos CAPES e BDTD; e incorporar avaliação por mais de um pesquisador, com cálculo de concordância entre avaliadores. A inclusão de bases internacionais seria pertinente apenas em estudos que visem ao panorama comparativo com a produção internacional, o que foge ao escopo delimitado deste trabalho.

Conclui-se que reconhecer o estudante com AH/SD como sujeito capaz de contribuir para a construção do conhecimento sobre sua própria condição não é apenas uma exigência ética alinhada ao princípio “nada sobre nós sem nós”, mas também uma oportunidade metodológica para que a pesquisa brasileira em Educação Especial produza conhecimento mais completo, válido e alinhado às experiências reais dos sujeitos que pretende compreender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

BAHIENSE, T. R. S.; ROSSETTI, C. B. Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 20, n. 2, p. 195-208, abr./jun. 2014. DOI: 10.1590/S1413-65382014000200004.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASSO, E. et al. Identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação no ensino superior. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 26, n. 3, p. 453-464, jul./set. 2020. DOI: 10.1590/1980-54702020v26e0147.

BRERO, J. G. D.; RONDINI, C. Subnotificação censitária de estudantes com altas habilidades/superdotados 2020: desorganização ou descaso? *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, p. 476-486, out./dez. 2022.

CHARLTON, J. I. *Nothing About Us Without Us: Disability Oppression and Empowerment*. Berkeley: University of California Press, 1998.

CUNHA, V. A. B.; RONDINI, C. A. Queixas escolares apresentadas por estudantes com altas habilidades/superdotação: relato materno. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 24, e216840, 2020. DOI: 10.1590/2175-35392020216840.

KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. *Guidelines for performing Systematic Literature Reviews in Software Engineering*. EBSE Technical Report, EBSE-2007-01, 2007.

LUNDY, L. 'Voice' is not enough: conceptualising Article 12 of the United Nations Convention on the Rights of the Child. *British Educational Research Journal*, v. 33, n. 6, p. 927-942, 2007.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M. Características de altas habilidades/superdotação em aluno precoce: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 22, n. 2, p. 189-202, abr./jun. 2016. DOI: 10.1590/S1413-65382216000200004.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M. Identificação de estudantes precoces com indicadores de altas habilidades/superdotação no Pantanal Sul-Mato-Grossense. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 39, e73266, 2023. DOI: 10.1590/1984-0411.73266.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M.; ALMEIDA, L. S. Altas habilidades/superdotação na formação de professores brasileiros e portugueses: um estudo comparativo entre os casos da UNESP e da UMinho. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e212442, 2020. DOI: 10.1590/0102-4698212442.

MARTINS, B. A.; PEDRO, K. M.; OGEDA, C. M. M. Altas habilidades/superdotação: o que dizem as pesquisas sobre estas crianças invisíveis? *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 561-568, set./dez. 2016.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. Reflexões sobre a inclusão da pessoa com deficiência no espaço acadêmico científico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, p. 63-76, 2011. Edição Especial. DOI: 10.1590/S1413-65382011000400006.

MENDONÇA, L. D.; RODRIGUES, O. M. P. R.; CAPELLINI, V. L. M. F. Alunos com altas habilidades/superdotação: como se veem e como

são vistos por seus pais e professores. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e71530, 2020. DOI: 10.1590/0104-4060.71530.

NAKANO, T. C.; NEGREIROS, J. R.; FUSARO, L. H. Práticas na identificação das altas habilidades/superdotação segundo relato de profissionais que atuam na área. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 126, e0254246, jan./mar. 2025.

ODDEN, T. O. B. et al. Agência epistêmica como um construto da área de Educação em Ciências: questões teóricas e proposições analíticas. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 198-220, 2024. DOI: 10.22600/1518-8795.ienci2024v29n1p198. OLIVEIRA, A. P.; RODRIGUES, O. M. P. R.; CAPELLINI, V. L. M. F. Altas habilidades/superdotação no ensino superior: análise de dissertações e teses brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, e193985, 2020. DOI: 10.1590/2175-35392020193985.

OLIVEIRA, L. L. S. de. Altas Habilidades/Superdotação: Subnotificação e Análise de Matrículas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 31, e0218, 2025. DOI: 10.1590/1980-54702025v31e0218.

PEDRO, K. M.; OGEDA, C. M. M.; MORAES, L. A. P. de; CHACON, M. C. M. Altas habilidades ou superdotação: levantamento dos artigos indexados no SciELO. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 7, n. 19, p. 275-295, 2016.

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário Brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 109-124, jul./set. 2011.

PINHEIRO, C.; COMIS, D.; RODRIGUES, E. M. Ferramentas para Snowballing: uma revisão sistemática e comparativa da literatura. In: ESCOLA REGIONAL DE ENGENHARIA DE SOFTWARE (ERES), 8., 2024, Santiago/RS. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 149-158. DOI: 10.5753/eres.2024.4158.

RANGNI, R. A.; COSTA, M. P. R. Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 467-482, set./dez. 2011.

REMOLI, T. C.; CAPELLINI, V. L. M. F. Relação entre criatividade e altas habilidades/superdotação: uma análise crítica das produções de 2005 a 2015. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 23, n. 3, p. 455-470, jul./set. 2017. DOI: 10.1590/S1413-65382317000300010.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; TOMÁS, C. Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 25, p. 183-206, 2007.

SILVA, R. S. Nada sobre nós sem nós: quem produz o conhecimento sobre a deficiência? Ética, poder e a disputa epistemológica na Educação Especial. *Revista Educar Mais*, v. 10, p. 1-18, 2026. DOI: 10.15536/reducarmais.10.2026.4405.

SOARES, A. K. A. Revisões da Literatura: Diferenças, Métodos e Aplicações. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 11, p. 982-1005, 2025.

SPYROU, S. *Disclosing Childhoods: Research and Knowledge Production for a Critical Child Studies*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

TOLEDO, M. A. V. et al. Avanços e desafios na identificação de estudantes com altas habilidades e superdotação: uma década de dados. *Educação e Pesquisa*, v. 51, e284493, 2025. DOI: 10.1590/S1678-4634202551284493por.

TRICCO, A. C. et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine*, v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018.

VIRGOLIM, A. M. R. As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. *Educar em Revista*, v. 37, e81543, 2021.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias (PPGECMT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora da Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED-SC). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9066-9362>.

² Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias, UDESC, Joinville, Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3179-5489>.